

# INTERFACE TURISMO-LAZER: REFLEXÕES SOBRE AS INTERRELAÇÕES DESSES “CAMPOS” DE ESTUDO NA REALIDADE BRASILEIRA<sup>1</sup>

Interfaz turismo-ocio: reflexiones sobre las interrelaciones de esos  
“campos” de estudio en la realidad brasileña

Interfaces between tourism and leisure: reflections on the  
interrelations between these fields of study in the brazilian context

**Leonardo Lincoln Leite de Lacerda**

leollacerda@yahoo.com.br

Faculdade de Estudos Administrativos (FEAD)

Mestre e Especialista em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Bacharel em Turismo pelo Centro Universitário Newton Paiva

## **Correspondência**

Rua Padre William Silva, 167, Planalto. Belo Horizonte, Minas Gerais.

CEP: 31.720-060

Data de Submissão: 01/10/2009

Data de Aprovação: 17/08/2010

## **RESUMO**

Como se estabelecem as relações entre as áreas de estudo do Turismo e do Lazer? Quais os limites de cada uma? Estas são as questões que balizaram a realização deste estudo teórico, tendo como objetivos: a) analisar algumas relações comumente postas entre os “campos” do Turismo e do Lazer na perspectiva brasileira e b) contribuir e instigar novos pensamentos por parte dos estudiosos de ambas as esferas. O tema referido mostra-se pertinente, uma vez que tenta preencher lacunas de um elo que não se mostra claro e que, por isso, levanta frequentes dúvidas para autores e pesquisadores de tais áreas. Independentemente das interrelações que cercam esses “campos”, chega-se à conclusão de que talvez seja melhor agir no sentido de buscar semelhanças e, engendrar ações e processos em conjunto entre os agentes do Turismo e do Lazer. E para tanto, faz-se necessário o diálogo mais próximo entre esses sujeitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Turismo, Lazer.

## **RESUMEN**

¿Cómo se establecen las relaciones entre las áreas de estudio del Turismo y del Ocio? ¿Cuáles son los límites de cada una? Estas son las cuestiones que orientaron la realización de este estudio teórico, que tiene como objetivos: a) analizar algunas relaciones comúnmente puestas entre los “campos” del Turismo y del Ocio en la perspectiva brasileña y b) contribuir e instigar nuevos pensamientos por parte de los estudiosos de ambas esferas. El tema referido se muestra pertinente, puesto que intenta llenar los vacíos de un eslabón que no se muestra claro y que, por eso, levanta frecuentes dudas para autores e investigadores de tales áreas. Independentemente de las interrelaciones que rodean a esos “campos”, se llega a la conclusión de que tal vez sea mejor actuar en el sentido de buscar semejanzas y engendrar acciones y procesos en conjunto entre los agentes del Turismo y del Ocio. Y, para ello, se hace necesario el diálogo más próximo entre esos sujetos.

**PALABRAS CLAVE:** Turismo, Ocio.

**ABSTRACT**

How are relationships established between the areas of study of Tourism and Leisure? What are their boundaries? These are the questions that formed the basis of this theoretical study? The study has two objectives: a) to analyze some relations that are commonly made between the fields of Tourism and Leisure and b) to contribute and instigate new thinking among scholars from both spheres. This is a relevant theme, because it attempts to make a clear distinction between these fields, which are somewhat indistinct, and investigates the questions commonly posed by authors and researchers in these areas. Regardless of the interrelations that surround those "fields", the conclusion is drawn that it may be better to search for similarities and to propose joint actions and processes for the agents of Tourism and Leisure. In order to achieve this, a closer dialogue is necessary between these subjects.

**KEY-WORDS:** Tourism, Leisure.

**1. INTRODUÇÃO**

O chamado período contemporâneo se apresenta como momento conturbado na vida dos indivíduos. Nos noticiários sobressaem-se as informações sobre corrupção e violência, sendo cada vez mais frequente crimes bárbaros e chocantes. Diante de uma sociedade com inúmeras e profundas mazelas sociais como a brasileira, grupos reagem de diferentes formas, seja por meio da coerção ou do consenso.

Essa vida tumultuada ganha maiores proporções em decorrência da celeridade, do grande fluxo de informação e da inovação tecnológica, forçando as pessoas a alcançarem resultados mais qualificados e em menos tempo. Condições que exigem mais responsabilidade, provocando nos indivíduos uma constante preocupação e uma sensação de esquecimento dos afazeres mais triviais.

Esse reflexo do modelo capitalista ocupa posição de destaque nas relações existentes no mundo, que prima pela produtividade para o acúmulo de capital. Neste sistema, certas máximas são utilizadas, como "tempo é dinheiro" e "dinheiro é poder". Marcellino (1995, p.12) se expressa da seguinte maneira frente a esse fato:

"Só é dada importância ao que é produtivo, gerador de 'bens de consumo' ou mercadorias, e não se questiona em que medida essa 'produtividade' – valor supremo – anula a expressão do ser humano. E as pessoas acabam sendo consideradas como meros instrumentos, produzindo ou consumindo, ou seja, alimentando o mercado de produção. Os valores são, portanto, imediatistas e utilitaristas".

Neste sentido, o trabalho, ainda tido como eixo norteador da vida das pessoas, sofre e repassa influências deste tipo de sistema. A realidade para inúmeros profissionais é a de vender sua força de trabalho para conseguir sobreviver, fazendo com que essa esfera da vida seja estafante. E a situação tende a piorar em uma realidade que detém um significativo contingente de pessoas fora do mercado de trabalho e que se dispõe a exigir menos por uma oportunidade no mercado de trabalho, chegando inclusive a perder parte de seus direitos trabalhistas.

Igualmente preocupante é reconhecer que muitos são os que trabalham sem se reconhecer no labor, gerando a sensação de que trabalho é sinônimo de castigo. Poucos e felizardos são aqueles que desempenham um papel que escolheram e que gostam de desenvolver.

Nesse cenário, o turismo e o lazer costumam ser vistos como a salvação à faina sobrecarregada. Assim, é possível compreendê-los postados em dois extremos (sendo que eles são dinâmicos e se interagem constantemente): a) atividades que servem como válvula de escape para os problemas cotidianos, alimentando o *status quo* ao geralmente priorizar o conformismo; b) vivências assentadas na liberdade de escolha, de pessoas que reconhecem o que estão fazendo, dando a sensação de retomada do sentido da vida.

Ainda há de ressaltar que as duas áreas são entendidas como excelentes oportunidades de mercado, influência de uma sociedade marcada pelo viés econômico. E ao serem vistas como

“produtos do capitalismo, estabelece-se uma relação superficial entre as duas áreas, desconsiderando o próprio processo de constituição histórica de ambos, além de aspectos sociais e culturais inerentes a essas vivências” (ARAÚJO, 2009, p. 147).

O turismo costuma ser analisado como sendo composto por mais de 50 setores, a citar o de alimentos, o de hospedagem, o de agências de viagem, o de eventos, o de transportes, o de infraestrutura, entre outros.

Já o lazer, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que desenvolve Pesquisa Anual de Serviços (2004), o compreende como pertencente à categoria “*atividades recreativas e culturais*”, na qual se insere a produção e exibição de filmes, atividades de rádio e televisão, teatro e música, espaços como clubes, casa de cultura, *disc jockeys*, danceterias, circos, boates, salões, entre outros.

Em um entendimento do senso comum, ambas as áreas são vistas como interligadas, algo que se reflete também no meio acadêmico. Baseado nesses argumentos cabe indagar: Como se estabelecem as relações entre os “campos” de estudo do Turismo e do Lazer? Quais os limites de cada um?

Como continuação a um esforço iniciado em um trabalho apresentado em determinado seminário do “campo” do Turismo (LACERDA, 2007), o presente texto se propõe a analisar algumas relações comumente postas entre os “campos” do Turismo e do Lazer na realidade brasileira, além de pretender contribuir e instigar novos pensamentos por parte dos estudiosos de ambos os lados.

O tema mostra-se relevante por possibilitar uma ampliação de reflexões acerca de áreas oriundas de diferentes ciências, como será abordado no texto. Também porque cada vez mais o lazer costuma se aproximar dos cursos de graduação em turismo, mas nem sempre apresentando reflexões que possibilitem uma construção de identidade para o último. Por fim, é interessante perceber e/ou repensar como se estabelece uma possível disputa de poder no que tange aos conhecimentos adquiridos.

Para a concretização deste documento se recorreu à pesquisa bibliográfica, abordando em livros, revistas, anais e coletâneas da área de Turismo e de Lazer, textos nacionais que traziam em seus títulos e resumos a relação entre os seguintes termos ou sinônimos: turismo e lazer, turismo e entretenimento, turismo e recreação, turismo e animação, turismo e ludicidade (ou lúdico).

Priorizou-se pesquisa pela língua portuguesa por ser mais pertinente ao recorte da pesquisa (a realidade brasileira), o que mostrou a necessidade de realizar um levantamento de materiais escritos em órgãos nacionais, bem como na Constituição Brasileira, referências nacionais.

Apesar desse processo, algumas obras de origem estrangeira - traduzidas ou não para o português - foram contempladas por possibilitarem uma discussão mais ampla para o debate.

Além disso, optou-se por levantar assuntos relativos aos respectivos “campos” de estudo e aspectos históricos da construção dessas esferas especificamente no cenário brasileiro, pois serviram de base a muitas das reflexões deste artigo.

Para que a pesquisa bibliográfica assumisse uma discussão mais atual, decidiu-se selecionar textos presentes na última década, com ressalvas a livros que costumam servir de base para lidar com os temas, no caso, especificamente, o Lazer.

Importante expor que, por questão de acessibilidade, a base desta pesquisa foram as bibliotecas do curso de graduação de Educação Física (com obras mais específicas do tema lazer) e do curso de graduação de Turismo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Outras referências abordadas foram selecionadas de revistas eletrônicas científicas dos “campos” de estudo do Turismo e Lazer, pois apresentam recursos de fácil acesso e baseados em pesquisas.

Com a intenção de apresentar de forma didática o resultado da pesquisa, inicialmente é abordado o tema Turismo, seguido do Lazer, para em seguida discutir essa interface.

## 2. O “CAMPO” DE ESTUDOS DO TURISMO

Nestas últimas décadas foi possível perceber o incremento do setor turístico no panorama mundial. Como reflexo da relevância da área, o turismo também cresceu no meio acadêmico.

Uma infinidade de cursos de graduação em Turismo surgiu em curto tempo, trazendo inúmeros problemas, principalmente no que se refere à qualidade dos serviços prestados pelas faculdades, centros universitários e universidades. Nesse sentido, é importante recorrer à construção histórica do turismo como área acadêmica no intuito de recolher informações e fatos pertinentes para a observância desse tema.

A década de 1970 marca no Brasil o ponto de partida para tal análise, uma vez que compreende o surgimento do primeiro curso superior de Turismo, firmado na Faculdade de Turismo da Morumbi em São Paulo (a atual Faculdade Anhembi-Morumbi).

Segundo Santos Filho (2006), o Brasil presenciou nesse período a criação desses cursos de graduação impulsionado pela demanda do mercado. Tal tendência instigou inúmeras pessoas a ingressarem nesse nicho de mercado, como exemplos jovens que gostavam de esportes radicais, adultos à procura de outra oportunidade e mulheres desejosas pela independência financeira. Este interesse fez com que o turismo fosse uma das áreas mais concorridas nos vestibulares da época.

O chamado Milagre Econômico foi um dos fatores colaboradores para impulsionar essa procura, já que era um momento que sobressaltava o vigor econômico do país e que possibilitou à classe média maior poder de compra, favorecendo a demanda por um diploma de nível superior em instituições de ensino superior privadas. E diante dessa realidade, empresários aproveitaram a oportunidade no ramo da educação para investir no turismo, um setor visto como diferencial de mercado.

A implantação do curso superior de Turismo no país iniciou-se na década de 1970, em pleno 'milagre brasileiro'. Isto é, em meio à euforia de modernização, os cursos de Turismo surgem como mais uma opção de elevação econômica e social para uma classe média disposta a se especializar em setores da economia caracterizados pelo dinamismo e pela 'modernidade' (MATIAS, 2002, p. 5).

A Ditadura Militar foi outro elemento que contribuiu para esse cenário, exercendo um poder autocrático e extremamente controlador. Aspecto que grassou aos diversos movimentos da sociedade, à política nacional e também à educação, incluindo o ensino superior, que sofreu reformas numa tentativa de exortar os valores do capitalismo (eficiência e produtividade), numa tentativa de enfrentar o avanço comunista. Nesse sentido, os cursos de graduação passaram a oferecer regimes de crédito, matrícula por disciplina, cursos de curta duração e uma estrutura totalmente racionalizada, características vistas principalmente na rede privada (SAVIANI, 2004).

Entretanto, por se tratar de uma área em ascensão, não existia uma padronização mínima dos cursos de Turismo, como duração, tipos de disciplina e conteúdos programáticos. Além disso, quase inexistiam professores especializados nessa temática, sendo preciso, em alguns casos, importar mão-de-obra estrangeira ou, como indica Serejo (2003), contratar pessoas que tivessem larga vivência de viagens. Dessa forma, aproveitaram-se autores com formação em outras áreas do conhecimento, o que, de certa maneira, limitou e continua a restringir a abordagem turística.

As referências bibliográficas eram outro problema a ser enfrentado, uma vez que não havia pessoas especializadas para concretizar obras literárias tão específicas. Também porque eram insuficientes os materiais internacionais traduzidos devido ao preço elevado para se realizar tal serviço. Além disso, muitas das ideias expostas em tais materiais não se adequavam à realidade brasileira.

Assim, havia certa liberdade por parte das instituições de ensino superior em estabelecer a estrutura curricular, geralmente programando os cursos de graduação de Turismo com disciplinas que se mantinham isoladas entre si.

Embora ciente dessas dificuldades, era interesse de outros cursos mais consagrados adicionar ao seu campo de conhecimento a área de turismo, pois isso agregaria mais valor e traria um novo contingente de alunos. Essas áreas do saber eram a Educação Física – que reivindicava para si o direito aos estudos do lazer – e a Administração de Empresas, a qual, segundo Santos Filho (2006), desejava ampliar seu campo de atuação numa tentativa de reverter as baixas demandas do corpo discente.

Apesar de essas tentativas terem sido frustradas, a Administração de Empresas conseguiu influenciar bastante o turismo na esfera dos negócios, aproximando-o da área da Ciências Sociais Aplicadas. Processo que talvez tenha tomado como exemplo experiências estrangeiras, como no caso dos Estados Unidos (década de 1950) e do Canadá (década de 1980), casos que segundo Ritchie<sup>2</sup>,

citado por Miranda e Zouain (2008), apresentam a maioria de seus cursos de Turismo originados por meio de associações ou entidades do setor privado, formando pessoas capacitadas a lidarem com o nível gerencial. Por isso do processo didático-pedagógico desses respectivos cursos serem mais pragmáticos.

Não é à toa que é usual estudar o turismo por meio de seus segmentos, ferramenta convencional da administração usada para abordar com mais especificidade grupos de clientes que possuem certa homogeneidade, interessados em estilos diferentes de vivência: ecoturismo, turismo social, turismo cultural, turismo rural, etc. Nesse esquema, o lazer também aparece como um dos ramos, sendo tratado como uma esfera desvinculada das demais, como pode ser observado abaixo.

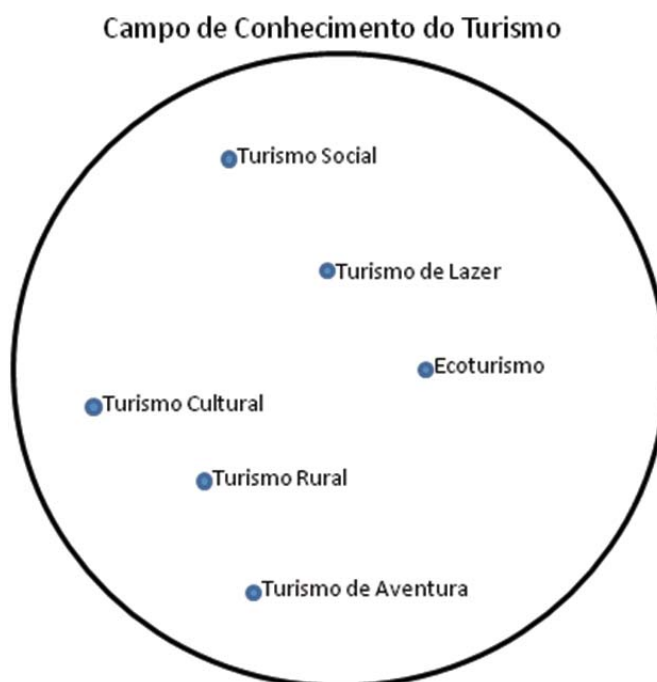


Figura 1 – Enfoque do Turismo por segmentos.

Como se pode observar, o “campo” do Turismo geralmente enfoca seus conteúdos tendo como base uma análise do mercado. Cada um sendo trabalhada em separado para melhor se adaptar aos interesses de negócios. Talvez por causa desse tipo de visão que muitos cursos de Turismo concretizem disciplinas que abordem esses segmentos, pois, além de ser uma forma didática de apresentar tal fenômeno, ajuda a firmar áreas de atuação para os profissionais da área.

Mesmo com as críticas acima, não se trata de abolir uma abordagem que ajudou e continua ajudando a entender essa esfera da vida humana, até porque o mesmo traz vantagens competitivas para quem a utiliza. Contudo, é preciso tratar esse processo de forma abrangente e contextualizada, uma vez que a dinamicidade do turismo não permite uma separação estanque das experiências dos atores do turismo. Será possível, por exemplo, desenvolver um turismo cultural desconsiderando o lazer ou o aspecto social dos envolvidos?

Ajudando a averiguar essa influência da administração, Araújo et. al. (2007) e Gomes et. al. (2007) conseguiram identificar nos cursos de Turismo estudados, respectivamente de graduação e de mestrado acadêmico, linhas que privilegiam a gestão e o planejamento. Apesar de serem amplas e presentes em diversos campos do saber, ambas as palavras apresentam proximidade com o universo da administração de empresas, a primeira vista como sinônimo de administração e a segunda como um dos processos do ato de administrar.

As abordagens sobre o Turismo não se restringem ao setor da administração. Por abranger um setor de difícil delimitação, estatísticas nacionais e internacionais englobam ao turismo inúmeros

segmentos e colaboram para criar o mito de que este se refere a uma atividade econômica de grande proporção. E por vezes o turismo, fortemente vinculado à esfera econômica, acaba sendo representado como uma "indústria sem chaminé", a qual alcança relevância mundial, chegando a ser comparado com os dados numéricos da produção da indústria do petróleo e da de armamentos.

Acrescentando um adendo a esse ponto, Lemos (2003) pergunta o que os agentes de turismo produzem que pode ser comparado a uma indústria? Sua resposta é "nada". O valor turístico que envolve tal sistema demonstra que é incorreto falar em "indústria do turismo", pois não há transferência significativa de bens. Por sua vez, Garcia (2005) diz que o turismo é uma indústria recreativa que não contribui para a produção de produtos básicos de consumo, nem da indústria pesada, e tampouco produz um avanço nas forças de produção, ao requerer serviços pessoais de pouca especialização.

Assim, além da influência dos saberes da administração, Santos Filho (2005) se preocupa com a influência do pensamento econômico (quantitativo e empirista) sobre o fenômeno turístico, que chega a desconsiderar questões primordiais como a cultura, o aspecto social e o político. Discurso reforçado por Burns (2002, p. 140) ao fazer um alerta sobre essa ênfase aos aspectos econômicos no turismo:

"Relações globais-locais guiadas apenas pela sede de desenvolvimento turístico (em oposição ao turismo como um fenômeno cultural, ou ao turismo como algo com potencial para o crescimento social) obscurece o progresso (mas não a expansão econômica), porque privilegiam os interesses dos fornecedores de produtos e intermediários de viagens, em vez do amplo espectro de instituições sociais que terão interesses distintos no desenvolvimento".

Não coincidentemente que o turismo se apresenta justamente na ordem econômica e financeira da Constituição Federal de 1988 (Título VII), mais especificamente no Capítulo I (Dos Princípios Gerais da Atividade Econômica), no Artigo 180: "A União, os Estados, o Distrito federal e os Municípios promoverão e incentivarão o turismo como fator de desenvolvimento social e econômico" (1988, p. 123). E mesmo contemplando o aspecto social é inegável a preponderância do fator econômico.

Gastal e Moesch (2007, p. 72) asseveram que o enfoque econômico do turismo é fruto de políticas setoriais que não tinham clareza dos impactos causados e dos compromissos ocasionados às localidades. E complementam dizendo que seria primordial pensar o turismo sobre um prisma das políticas públicas, ressaltando o cidadão, pois permitiria "contrapor discursos simplistas que pede o Turismo *apenas* como atividade econômica, cujas questões, das simples às complexas, estariam todas restritas a boas práticas de gestão".

Nesse sentido, outros elementos também importantes para a compreensão e complementação do saber turístico acabam sendo negligenciados e tratados com relevância secundária, como a cidadania, sociabilidade, alteridade, cultura, educação ambiental e patrimonial.

É notório que o "campo" de estudos do Turismo é recente e ainda se encontra em processo de estruturação, pois não basta simplesmente elaborar um conjunto de teorias e práticas sobre o assunto. E essa situação tende a não alterar enquanto, segundo Barretto e Santos (2005), muitas das dissertações e teses engendradas e defendidas nas academias (setor de pesquisas que fornecem relevância científica à área de estudo) não forem publicadas. E nesse caso, dois são os motivos para essa consequência: 1- os dados trabalhados nos mestrados e doutorados podem se apresentar enfadonhos para quem não está acostumado a uma linguagem acadêmica; 2- a falta de interesse do mercado editorial em publicar esses títulos.

Diante de tais argumentos seria quase inevitável não se desanimar ao se pensar em trabalhar nesse meio. Contudo, visto por outro prisma, essa situação permite uma vasta possibilidade de atuação ao se trabalhar com o Turismo, podendo ser vista com otimismo. Linha que Nechar (2005) parece preferir seguir, pois o autor defende que o tratamento do turismo, como objeto de estudo, não se limita a uma redução epistemológica que aplica qualquer paradigma para lhe fornecer certo ar de cientificidade e que também não se trata simplesmente de uma área temática disciplinar.

Em meio a essa esfera de difícil delimitação e compreensão, o "campo" do Turismo continua a crescer e necessitar de diferentes pontos de vista para a sua concretização. Situação semelhante é encontrada na área do Lazer, como será observado a seguir.

### 3. O “CAMPO” DE ESTUDO DO LAZER

Apesar de ter sido conquistado como um direito por meio de revoltas trabalhistas, atualmente o lazer tem sido marcado pela oferta de produtos padronizados disponíveis a uma massa de indivíduos. Produtos encarados não apenas por bens como videogames, televisões, computadores, mas por uma infinidade de serviços como cinemas, boates e pacotes turísticos, por exemplo. Fato que demarca uma importância econômica do setor, que chega a receber o nome de “Indústria do Entretenimento”, situação semelhante à área do turismo.

Outra coincidência é que os estudos sistemáticos sobre o lazer também começaram no Brasil na década de 1970, como identificaram Bernardino e Isayama (2006), apesar de Camargo (2003) afirmar que os estudos sobre o tema nessa época não foram muito produtivos, uma vez que se tentava justificar sua relevância mais do que pesquisá-lo. Entretanto, o mesmo autor relata que foi nessa década que alguns livros sobre o assunto foram lançados, ainda que sua repercussão não tenha sido grande. Para citar alguns, publicou-se o livro “O lazer no planejamento urbano” de autoria de Ethel Bauzer Medeiros, bem como três livros do sociólogo francês Joffre Dumazedier: “Lazer e cultura popular”, “Sociologia empírica do lazer” e “Valores e conteúdos culturais do lazer”.

Dentre as suas colaborações, o sociólogo francês expôs o que chamou de “Conteúdos Culturais do Lazer”, interesses preponderantes que os sujeitos podem encontrar em suas vivências de lazer, sendo tratados como: conteúdo social, intelectual, manual, físico-esportivo e artístico (DUMAZEDIER, 1973).

Mais tarde, seu aluno acrescentou um sexto conteúdo a essa classificação: o interesse turístico (CAMARGO, 1992). Ainda hoje há uma discussão se esse deve ser realmente mais um elemento a compor a classificação de Dumazedier ou se trata de um interesse que pode ser encontrado nos demais. Seja como for, a partir desse momento começou a se configurar no meio acadêmico do Lazer uma relação com o fenômeno turístico, ideia que aponta o primeiro como algo mais complexo que o segundo, como mostra a figura abaixo.



Figura 2 – Enfoque de interesses do lazer.

Nota-se que esse esquema se assemelha à figura 1. Neste caso, como os estudos do Lazer sofrem influência maior do campo da Educação Física, talvez não seja possível falar tanto da influência do pensamento da ciência da administração. Entretanto, não seria conveniente descuidar da influência do pensamento economicista da atualidade.



Seja como for, parece que para compreender áreas de grandes repercussões como o Turismo e o Lazer é inicialmente necessário realizar demarcações, ainda que limitadas. No “campo” do Lazer essa classificação dos conteúdos do lazer sofreu várias críticas nesse sentido, como analisa Melo (2004, p. 51-52):

“Dumazedier procurou classificar as atividades de lazer segundo o interesse central desencadeador de sua busca, o elemento principal que motivaria os indivíduos a procurá-las [...] devemos ter em conta os limites dessa classificação, já que o processo de escolha dos indivíduos nem sempre é absolutamente explícito, tampouco modulado por um interesse único [...] A ação humana é complexa demais para caber em limites rígidos de categorias, o que não significa que a classificação seja ineficaz”.

Apesar dessa semelhança nas figuras 1 (“campo” do turismo) e 2 (“campo” do lazer), é importante ressaltar que os estudos sobre o Lazer fundamentaram-se mais, de forma geral, nas ciências sociais, especificamente na sociologia. Conforme Werneck (2000), essa influência começou nos Estados Unidos na década de 1920, com a criação de um segmento intitulado “sociologia do lazer”. Sua proposta era a de conhecer e controlar socialmente o tempo livre dos trabalhadores nos países industrializados, visto que tal tempo vinha crescendo e sendo alvo de preocupações, principalmente para uma elite ansiosa por manter seus interesses.

Talvez por causa dessa influência que o lazer aparece na Constituição Brasileira nos segmentos sociais: uma vez no título II (Direitos e Garantias Fundamentais<sup>3</sup>) e duas vezes no título VIII (Da Ordem Social<sup>4</sup>).

A esse respeito, Gomes et. al. (2007) afirmam o seguinte:

“Obviamente, em países como o Brasil, há uma grande distância entre a grandeza dos ideais expressos na lei e a dura realidade dos fatos. Entretanto, o reconhecimento do lazer como um direito de cidadania deve ser assinalado como uma grande conquista, pois, a sua presença nos documentos legais nos permite reivindicar do poder público, da iniciativa privada e demais setores da sociedade os meios para concretizá-lo na vida cotidiana da população”.

Além de ser tema relevante para constar na Constituição Brasileira, Gomes e Rejowski (2005, p. 16) apresentam que os estudos (dissertações e teses) sobre essa temática vêm incrementando a cada década. Entre o período pesquisado pelas autoras (de 1972 e 2001), a década de noventa foi de grande repercussão ao gerar “59% de defesas (198 teses) face a 10% (32 teses) em 1980 e 4% (14 teses) em 1970 [...] Nota-se que a máxima produção científica, relacionada ao lazer, acontece em 2000 com 74 teses e a ausência total é detectada em três anos (1973, 1974, 1977)”.

Apesar desse crescente número de pesquisas nesse “campo” de estudos, as relações entre lazer e turismo são pouco estudadas, gerando desconfortos para aqueles que atuam nessas áreas. Alguns aspectos dessa relação serão abordados a seguir. Contudo, cabe antes explicar o motivo da palavra campo, quando faz referência às áreas do Turismo e do Lazer, vir acompanhada de aspas. As explicações que Werneck (2000) levanta dizem respeito ao universo do lazer, mas devido às suas similaridades, o mesmo pode servir para caracterizar o turismo.

Assim, Werneck (2000), baseada em Bourdieu, assevera que o lazer tem a pretensão de se tornar científico e autônomo. Requisitos ainda a serem alcançados porque é frequente a circulação de trabalhos com pouco embasamento e estruturação teórica e de pesquisa. Contudo, essa área apresenta características que demonstram elementos importantes nesse trajeto, uma vez que já é regido por um modelo de pensamento e por possuir regras conhecidas por aqueles nele inseridos. Assim, nesse “campo” existem atores que lutam pela sua manutenção – postura comumente adotada por aqueles que detêm o poder (espaço intelectual, acadêmico e social) – e aqueles que desafiam os modelos existentes.

#### 4. INTERFACE ENTRE TURISMO E LAZER

Como abordado anteriormente, as áreas do Turismo e do Lazer possuem características que as aproximam: o entendimento do senso comum; a comparação com o termo “indústria”, frisando as oportunidades econômicas; a inserção na década de 1970 no Brasil desses temas como objetos de estudo e a luta por se firmarem como campos do conhecimento. Há também de se adicionar que ambas as esferas se caracterizam por serem multidisciplinares.



De acordo com Beirão (2001, p.30), a multidisciplinaridade diz respeito a “uma abordagem múltipla, feita sob o enfoque de diferentes disciplinas, mas preservando o enfoque disciplinar de cada uma delas. Seria uma somatória de diferentes visões de um mesmo problema”. Assim, os “campos” de estudo do Lazer e do Turismo necessitam do auxílio de outros campos do saber para poderem se concretizar.

As pesquisas de Gomes et. al. (2007) – sobre cursos de mestrado acadêmico em Turismo no país – e de Bernardino e Isayama (2006) – sobre cursos de graduação em Turismo no estado de Minas Gerais – reafirmam essa tendência ao indicarem que o corpo docente dos respectivos cursos possui formação heterogênea.

Mesmo que essa abordagem traga desvantagens ao contribuir em certa medida para a falta de identidade profissional e para uma possível desregulamentação da profissão, a contribuição de outros campos do saber já estruturados não desmerece os estudos específicos sobre o lazer (WERNECK, 2000) e do turismo, sendo que na verdade os enriquecem com seus debates e análises. Entretanto, é preciso estar atento a forma como essa multidisciplinaridade se concretiza, pois:

“A idéia de multidisciplinaridade [...] quando vista de forma isolada acaba transformando o aprendizado em ‘noções’, na medida em que trabalha vários conteúdos, mas de maneira desarticulada. Daí a necessidade de trabalhar a multidisciplinaridade visando a interdisciplinaridade em uma perspectiva ampla e integrada de formação” (BERNARDINO; ISAYAMA, 2006, p. 18).

Além da influência de outras áreas do saber mais estruturadas é preciso pensar que há certa colaboração mútua entre os “campos” do Turismo e do Lazer, pois, afinal, muitas vezes abordam assuntos semelhantes. Contudo, o fato de essas áreas abordarem ou possuírem elementos em comum não demonstra que suas ligações e diferenças sejam simples de se identificar.

Esse também pode ser um indicativo de que existe uma escassez de estudos que tentem compreender essa relação. Percepção que é afirmada por três estudos: a) de Bernardino e Isayama (2006) ao estudarem o lazer em cursos de graduação no estado de Minas Gerais; b) de Araújo et. al. (2007), que pesquisou o tratamento do lazer em cursos de turismo de graduação em Belo Horizonte; c) e de Gomes et. al. (2007), quando analisaram o lazer nos cursos de mestrado acadêmico do Brasil.

Como exemplo, na primeira das pesquisas citadas os autores observaram uma inconsistência das “pontes” entre turismo e lazer.

A relação lazer e turismo não se apresenta de forma clara e objetiva dentro das disciplinas analisadas. Alguns programas tentam expressar em suas ementas e objetivos essa relação, mas não especifica na bibliografia utilizada nenhuma obra que possa contribuir com essa discussão, ou quando utiliza pensa no turismo como um conteúdo ou interesse do lazer. Isso pode ser explicado, em partes, pela escassez de estudos que estabelecem uma relação consistente do lazer em interface com o turismo (BERNARDINO; ISAYAMA, 2006, p. 19).

É possível que essa dificuldade de separar a formação e atuação profissional dessas duas áreas ocasione tensões em ambos os lados, podendo criar conflitos de interesse.

Seja para esboçar alguma opinião, seja para confirmar essa disputa de poder, muitos autores (não apenas brasileiros) defendem a ideia de uma maior complexidade do lazer frente ao turismo, como exposto nos exemplos a seguir:

- Castro (2002, p. 110), ao abordar o turismo por um olhar sociológico, afirma que “aprendemos a denominar esses passeios de lazer, em sentido lato, de turismo”;

- Pimentel (2003), caracterizando a esfera do lazer e explicando o campo de atuação de seus profissionais, diz que o turismo, assim como o esporte e a arte, é uma faceta do lazer;

- García (2005), ao analisar a construção do turismo a partir de uma perspectiva materialista crítica, observa o turismo como uma forma de expressão do lazer;

- Rosa (1999), fazendo uma reflexão da ludicidade de uma festa em local turístico, entende o turismo como uma das diversas formas de lazer;

- Pereira (2000, p. 11), numa percepção geral da esfera turística, compreende “o lazer como dimensão importante das relações humanas e o turismo como uma de suas motivações”;

- Franzini (2003), ao esboçar uma reflexão sobre o lazer de agentes de viagem, relata que o turismo é uma manifestação do lazer contemporâneo.

Tais colocações indicam que essa é uma postura muito recorrente, mas é importante informar que três dos autores citados têm como área básica de estudos a Educação Física, fato que pode influenciar seus pontos de vista. Contudo, Serejo (2003, p. 51), ao realizar uma pesquisa no curso pioneiro de Turismo de Minas Gerais, reforçou essa percepção quando constatou que o lazer ganhou sua identidade por haver “uma ligação direta entre ambos, pois o lazer era considerado como um fenômeno maior, no qual o turismo estaria dentro dessa esfera da vida”.

Essas percepções talvez sejam reforçadas devido ao turismo de férias ser a tipologia mais praticada na atualidade, uma experiência marcada pela diversão e repouso e que mantém laços estreitos com o lazer (ARAÚJO, 2009).

Por esse motivo, torna-se interessante apresentar argumentos que sigam uma postura diferente das apresentadas anteriormente, mesmo que não sejam muitos os exemplos encontrados. E como forma de estimular um pouco mais a discussão, foram incorporados ao debate pensamentos de autores estrangeiros.

A começar pela percepção nacional, Lemos e Rosa (2007, p. 8) expõe que “o setor de turismo compreende uma ampla gama de atividades, relacionadas com viagens realizadas por motivos muito diversificados, como lazer, educação, negócios e tratamento de saúde” (2007, p. 8). Apesar de brasileiros, essa visão de turismo se assemelha a da Organização Mundial de Turismo (OMT), que caracteriza o turismo como uma esfera maior que o lazer.

Já os estrangeiros Williams e Buswell (2003) ajudam a reforçar esse entendimento ao argumentarem que o turismo é constituído de três elementos primários: a) a viagem em si, b) as formas de acomodação e c) a participação em atividades no destino, ou os impactos decorrentes do turismo. Nesta última se encontraria o lazer, manifestado pelas possibilidades existentes no destino.

Os mesmo autores tentam explicar a diferença fundamental que existiria entre turismo e lazer. Afirmam que enquanto o primeiro está constantemente desenvolvendo e oferecendo novos produtos devido à sua ligação com os diferentes aspectos de cada localidade, no segundo existem poucas atividades que são realmente novas. Argumento que não parece ter fundamento, pois confronta o entendimento que foi apresentado anteriormente. Por exemplo, como pensar o lazer como uma atividade que não se renova se ela se encontra no destino turístico, o qual, de acordo com Williams e Buswell (2003), está sempre oferecendo novas opções? Além do mais, ambas as áreas se transformaram/transformam com a dinamicidade de cada país, região, cidade ou localidade.

Além dos dois pontos de vista apresentados, há um terceiro. Neste, ambas as esferas são compreendidas de forma separada para que não se estabeleçam erros ou complicações. Esta é a postura de Proni (2004), que analisa o turismo e o lazer pelo viés econômico, mais especificamente por intermédio dos serviços. Essa visão se mostra limitada, pois mesmo com um olhar estritamente econômico é arriscado e até inviável desvincular ambas as áreas. Afinal, sob uma análise dos serviços é de se esperar que haja uma contribuição numérica – mesmo que parcial – dos serviços turísticos para os serviços de lazer e vice-versa.

Em meio a esses diferentes pontos de vista, faz-se importante trazer a complementação das ideias de Pimentel (2003, p. 96). Apesar de considerar que o turismo é uma parte do lazer, o autor diz que isso “não significa a redução do turismo ao campo do lazer. Existem segmentos turísticos nos quais o lazer é secundário, prevalecendo motivações ligadas aos negócios, à família, à religião ou à saúde”. O turismo, nesse sentido, não estaria “condicionado” ao lazer.

Ideia de certa forma compartilhada por Nechar (2005) e Franzini (2003, p. 269), esta última afirmando que:

“Mesmo que a viagem não tenha como motivo principal o lazer, como participação em congressos, seminários ou eventos relacionados à empresa em que trabalha, o indivíduo que se desloca tem a oportunidade de conhecer outros lugares, outras pessoas, de estabelecer contato com outras culturas”.

Significa que não existiria uma área submetida à outra. Ambas contemplam temas, conteúdos, pensamentos, processos e ações coincidentes, mas cada uma a seu modo. O que não impede o

aproveitamento de uma dessas esferas ao vivenciar a outra. Por exemplo, pode-se realizar uma viagem de negócios e ao mesmo tempo planejar uma vivência de lazer em meio a tal compromisso. Outro exemplo seria perceber vivências turísticas ao desenvolver experiências de lazer dentro da própria cidade ao visitar monumentos históricos.

Nesse sentido, ambas as esferas seriam independentes, mas se relacionando constantemente com elementos que fazem interseção, como aborda de forma resumida a figura 3.

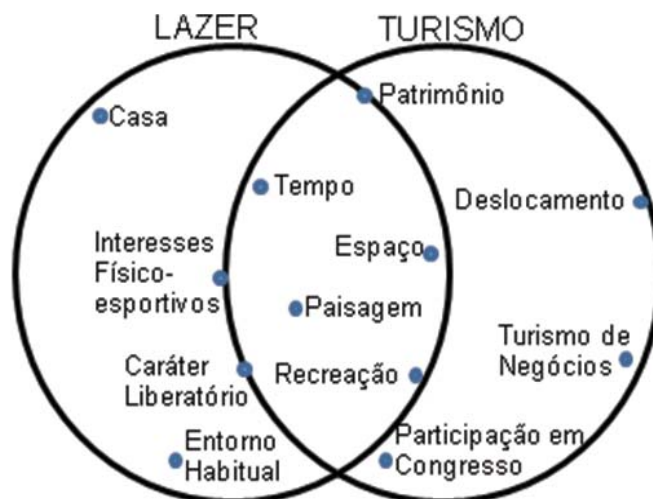


Figura 3 – Interseção entre Lazer e Turismo

Aqui são apresentadas ambas as esferas de forma hermeticamente fechadas, mas contemplando alguns elementos em comum. Por um lado, o lazer destacaria o tempo livre, os espaços e equipamentos de lazer, a recreação (que de forma simplista pode ser representante da animação e ludicidade), a diversão em patrimônios e a contemplação de paisagens. Já o turismo representaria a permanência da viagem, o deslocamento no espaço, a diversão proporcionada pela recreação e animação turística e a visita a patrimônios e paisagens diferentes. Mas para compreender melhor essa ilustração cabe apresentar uma concepção de cada área.

Assim, de acordo com o International Recommendations for Tourism Statistics (2008) da Organização das Nações Unidas, turismo é um subconjunto da viagem, que por sua vez se refere a atividades dos viajantes. Já os viajantes são aqueles que se deslocam entre diferentes pontos geográficos, por variados motivos e durações.

Nesse caso, mesmo a questão do tempo (duração) seja um de seus componentes, a característica comumente preponderante é o *deslocamento*. E ao relacionar turismo unicamente à ideia de viagem/deslocamento suas possibilidades vivenciais acabam sendo limitadas, passando a sensação de ser algo “menor”. Por isso os pontos “casa” e “entorno habitual” estarem localizados apenas na esfera do lazer.

Já nesse caso, Gomes (2004, p. 125) entende o lazer como “uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo”.

Apesar de a amplitude do lazer destacada pela autora, geralmente o que é realçado de tal experiência é o *tempo livre*. Isso possibilita aderir ao lazer inúmeros exemplos, inclusive o turismo, desde que respeitem essa característica liberatória.

Retomando a figura 3, o lazer apenas não abordaria as experiências demarcadas por alguma obrigação, laboral como no caso do turismo de negócios e educacional como na participação em congressos. Talvez por isso a percepção de que o lazer seja algo “maior”.

O ponto “deslocamento” está apresentado de modo afastado não por ser um elemento excluído da esfera do lazer, mas porque não seria uma das características marcantes para seu entendimento. Fato que mostra a ineficiência de tentar estabelecer de forma tão enquadrada tais vivências.

É preponderante lembrar que tanto a esfera do lazer quanto a do turismo estão envolvidas em uma trama complexa, apresentando ora semelhanças ora diferenças entre si. Características que são de difícil delineamento. Além do mais, como querer delimitar as especificidades de cada um se ainda falta muito a se estruturar em ambos os “campos” do saber?

Por isso que talvez a melhor forma de representar essa relação, por enquanto, seja mostrando ambas as áreas envolvidas não por uma linha bem traçada e firme, mas por um espaço nebuloso (com reentrâncias) que não demarca o início nem o término de cada uma. Assim, seus elementos estariam em contínua troca, desenvolvendo relações inclusive com outros campos do conhecimento (Antropologia, Educação Física, História, Sociologia, Administração, Geografia, Economia, Psicologia, Pedagogia, entre outros), revelando a multidisciplinaridade do Turismo e do Lazer.



Figura 4 – “Campos” de estudo multidisciplinares do Lazer e do Turismo.

Como pondera Leal (2006), quanto mais recente é uma área do conhecimento, menos definido será sua comunidade científica, uma vez que os investigadores procedentes de outros campos ainda estarão enraizados em suas comunidades de origem. Como é o caso do Turismo e do Lazer.

Nesse caso, Araújo (2009, p. 149) lembra que o “desafio é, portanto, deixar de conceber as interfaces entre turismo e lazer como um preciso limite entre eles, para se entender que [...] são espaços vagos, de interpenetração e mistura entre essas duas áreas”.

Dessa forma, talvez seja mais produtivo não pensar na compreensão e construção de fronteiras entre ambas as esferas, mas agir no sentido de buscar as semelhanças para engendrar ações e processos em conjunto. E para tanto, faz-se necessário o diálogo mais próximo entre os sujeitos dessas áreas. Trata-se de um caminho aberto e repleto de possibilidades.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visando alcançar os objetivos levantados no início do texto (analisar algumas relações comumente postas entre os “campos” do turismo e do lazer e contribuir e instigar novos pensamentos por parte dos estudiosos de ambos os lados), ao longo deste colocaram-se em pauta algumas das poucas relações acadêmicas existentes entre o turismo e o lazer, seja observando-os como produtos a serem comercializados, seja compreendendo-os pertencentes a áreas acadêmicas em ebulição.

No intuito de tentar clarear um pouco esse campo nebuloso foram utilizadas figuras para caracterizar os “campos” do Turismo e do Lazer, sendo envolvidos por uma discussão teórica

atualizada. Entretanto, o fato de ambas as áreas possuírem semelhanças (como serem novas e multidisciplinares) não indica que Lazer e Turismo tenham e mantenham ligações fáceis de se identificar, pois cada “campo” tem sua história de formação, observando a outra de forma peculiar. Por isso que tensões e conflitos por vezes são emplacados nessa interrelação ainda obscura, apesar de existir certa aceitação de proximidade entre essas esferas da vida.

Baseado no que foi exposto e sem a pretensão de esgotar o assunto, este artigo chega ao final considerando que é necessário um maior número de discussões a respeito da interface turismo-lazer e que os sujeitos construtores de ambos os campos precisam trocar mais informações. Além disso, reiterasse que talvez seja mais proveitoso criar mecanismos de interação do que construir barreiras entre áreas que podem ser consideradas irmãs.

No fim, cabe ao leitor decidir se o tema foi instigante e inquietador a ponto de que mais estudos sejam desenvolvidos nesse sentido.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Marina; COSTA e SILVA, Michelle; ISAYAMA, Hélder F. O lazer nos cursos de graduação em turismo de Belo Horizonte: uma análise documental. In: SILVA, Jamerson A. de A. da; SILVA, Katharine N. P. *Recreação, Esporte e Lazer: Espaço, Tempo e Atitude*. Recife: Instituto Tempo Livre, 2007, p. 487-492.
- ARAÚJO, Marina. As fronteiras entre turismo e lazer. In: Seminário “O Lazer em Debate”, 2009, Belo Horizonte. *Coletânea...* Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2009, p. 145-150.
- BARRETO, Margarita; SANTOS, Rafael J. dos. Fazer científico em turismo no Brasil e seu reflexo nas publicações. *Turismo: visão e ação*. Itajaí, v 7, n.2, 2005.
- BEIRÃO, Paulo Sérgio Lacerda. A Questão da Transdisciplinaridade no Cenário Mundial e as Implicações para o Lazer e a Educação. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 13, 2001, Natal/RN. *Anais...* Natal/RN: CEFET/RN, 2001. p. 27-34.
- BERNARDINO, Cristina R; ISAYAMA, Hélder F. Lazer e Turismo: Análise de Currículos de Cursos de Graduação em Turismo de Minas Gerais. *Licere*, v. 9, n. 2, p. 8-23, 2006.
- BRASIL. Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.
- BURNS, Peter M. *Turismo e antropologia: uma introdução*. Tradução de Dayse Batista. São Paulo: Chronos, 2002.
- CASTRO, Celso Antônio Pinheiro de. *Sociologia aplicada ao turismo*. São Paulo: Atlas, 2002.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *O que é lazer*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. A pesquisa em lazer na década de 70. In: SEMINÁRIO “O LAZER EM DEBATE”, 4, 2003, Belo Horizonte. *Coletânea...* Belo Horizonte: UFMG/ DEF/CELAR, 2003, p. 33-43.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FRANZINI, Raquel X. G. Lazer Turístico: Viagem de Férias de Agentes de Viagem de Operadoras de Turismo e suas Expectativas. In: SEMINÁRIO “O LAZER EM DEBATE”, 4, 2003, Belo Horizonte. *Coletânea...* Belo Horizonte: Imprensa UFMG/ DEF/CELAR, 2003, p. 264-274.
- GARCÍA, Maribel Osorio. Hacia la construcción del objeto de estudio del turismo desde una perspectiva materialista crítica. *Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. v. 3, n. 1, p. 41-61, 2005.
- GASTAL, Susana; MOESCH, Marutscha. *Turismo, políticas públicas e cidadania*. São Paulo: Aleph, 2007.
- GOMES, Cristina M.; REJOWSKI, Mirian. Lazer enquanto objeto de estudo científico: teses defendidas no Brasil. *Licere*, v. 8, n. 2, p. 9-28, 2005.
- GOMES, Christianne L.; ISAYAMA, Hélder F.; ALMEIDA, Fabiana B.; SILVA, Sílvio R.; LACERDA, Leonardo L. L. de; FARIA, Juliana S.; SOUZA, Tatiana R. Turismo e lazer: reflexões no contexto da pós-graduação

stricto sensu, nessa área, no Brasil. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 4, 2007, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Aleph, 2007.

LACERDA, Leonardo L. L. de. Interface turismo-lazer: encontros e desencontros. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 4, 2007, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Aleph, 2007.

LEAL, Sérgio Rodrigues. Madurez de la investigación científica en turismo en Brasil y en el mundo. *Estudios y Perspectivas em Turismo*, v. 15, p. 81-91, 2006.

LEMOS, Leandro A. de. Teoria dos eventos turísticos. In: BAHL, Miguel. *Eventos: a importância para o turismo do terceiro milênio*. São Paulo: Roca, 2003, p. 31-42.

LEMOS, Mario Luiz Freitas; ROSA, Sergio Eduardo Silveira da. Os Setores de Comércio e de Serviços. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/conhecimento/livro\\_setorial/setorial07.pdf](http://www.bndes.gov.br/conhecimento/livro_setorial/setorial07.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2007.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Humanização*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

MATIAS, Marlene. *Turismo: formação e profissionalização (30 anos de história)*. Barueri: Manole, 2002.

MELO, Victor Andrade de. Conteúdos Culturais. In: GOMES, Christianne L. (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 51-54.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). PESQUISA ANUAL DE SERVIÇOS. V. 6, 2004. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/comercioeservico/pas/pas2004/pas2004.pdf>>. Acesso em 12 abr 2007.

MIRANDA, Anderson L.; ZOUAIN, Déborah M. A aproximação entre o estudo do turismo e a ciência da administração a luz do modelo Tedqual: caso São Luís. *Turismo – Visão e Ação*, v. 10, n. 1, p. 113-132, 2008.

NECHAR, Marcelino Castillo. Inter, multidisciplinar y/o hibridación en los estudios socioculturales del turismo. *Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. v. 3, n. 2, p. 229-243, 2005.

UNITED NATIONS. INTERNATIONAL RECOMMENDATIONS FOR TOURISM STATISTICS, 2008. Disponível em: <<http://unstats.un.org/unsd/trade/IRTS/IRTS%202008%20unedited.pdf>>. Acesso em 3 nov 2008.

PEREIRA, Cássio A. S. Turismo e lazer: tendências para o terceiro milênio. *Licere*, v. 3, n. 1, p. 11-20, 2000.

PIMENTEL, Giuliano. Inter-relações entre arte, esporte e turismo. In: PIMENTEL, Giuliano. *Lazer: fundamentos, estratégias e atuação profissional*. Jundiaí, SP: Fontoura, 2003.

PRONI, Marcelo W. Serviços de lazer. In: GOMES, Christianne L. (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 207-211.

RODRIGUES, Sul Brasil Pinto. Educação, ciências sociais, patrimônio e turismo: fazer conhecimento. *Itinerarium*, v.1, 2008.

ROSA, Maria Cristina. Corpo Turístico: em busca do elemento lúdico. *Licere*, v. 2, n. 1, p. 118-131, 1999.

SANTOS FILHO, João dos. *Ontologia do turismo: estudos de suas causas primeiras*. Caxias do Sul: Educus, 2005.

SANTOS FILHO, João dos. 27 de setembro: dia do Turismólogo – festejar ou organizar? Disponível em: <<http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/artigos/diaturismologo.html>>. Acesso em 03 de agosto de 2006.

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do “longo século XX” brasileiro. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane S. de; SOUZA, Rosa F. de; VALDEMARIN, Vera T. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.



SEREJO, Hilton F. B. O lazer e a formação profissional em turismo no nível superior: reflexões no âmbito da instituição pioneira em Minas Gerais (1974-1985). *Licere*, v. 6, n. 2, p. 43-60, 2003.

WERNECK, Christianne Luce G. A constituição do lazer como um campo de estudos científico no Brasil: implicações do discurso sobre a cientificidade e autonomia deste campo. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 12, 2000, Balneário Camboriú. *Coletânea...* Balneário Camboriú: Roca/ Universidade do Vale do Itajaí, 2000, p. 77-88.

WILLIAMS, Christine; BUSWELL, John. *Service quality in leisure and tourism*. Wallingford. Cambridge: CABO Publishing, 2003.

## NOTAS

<sup>1</sup> Parte deste trabalho foi apresentado no IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), realizado nos dias 27 a 28 de agosto de 2007 no campus Vila Olímpia da Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo.

<sup>2</sup> RITCHIE, J. R. B. *Tourism and hospitality education: Frameworks for advanced level and integrated regional programs*. Vol. 31. St. Gallen: Aiest, 1990.

<sup>3</sup> Título II (Dos Direitos e Garantias Fundamentais), Capítulo II (Dos Direitos Sociais), Artigo 6º: “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (1988, p. 12).

<sup>4</sup> 1ª vez - Título VIII (Da Ordem Social), Capítulo III (Da Educação, da Cultura e do Desporto), Seção III (Do Desporto), Artigo 217, item VI, parágrafo 3º: “O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social” (1988, p. 143).  
2ª vez - Título VIII (Da Ordem Social), Capítulo VII (Da Família, da Criança, do Adolescente e do Idoso), Artigo 227: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer [...]” (1988, p. 148).